



DA PONTE PRA CÁ: REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA COLONIAL E O LEGADO DO RACISMO NA PERIFERIA

FROM THE BRIDGE TO HERE: REFLECTIONS ON COLONIAL VIOLENCE AND THE LEGACY OF RACISM IN THE PERIPHERY

Panna Nawar Everton Maranhão

Mestre em Filosofia pelo PPGFIL/UFES

panna.maranhao@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apontar as aproximações do discurso popular fornecido por Racionais MC's com elementos da tradição filosófica, em nossa empreitada o recorte estabelecido toma as considerações de Frantz Fanon e a violência racial estabelecida no mundo colonizado em paralelo com as estruturas herdadas na violência exercida através do corpo capitalista na periferia. Evidenciando não apenas o diagnóstico, mas a construção de um novo testemunho da humanidade para o desenvolvimento de práticas educativas libertadoras.

Palavras-Chave: Fanon, Freire, Libertação, Rap, Testemunho.

Abstract

The aim of this work is to point out the approximations between the popular discourse provided by Racionais MC's and elements of the philosophical tradition. In our endeavour, the section established takes the considerations of Frantz Fanon and the racial violence established in the colonized world in parallel with the structures inherited in the violence exercised through the capitalist body in the periphery. It highlights not just the diagnosis, but the construction of a new testimony of humanity for the development of liberating educational practices.

Keywords: Fanon, Freire, Liberation, Rap, Testimony.

*Professora, me explica por que só tem branco
 No espaço de pessoa rica?
 Por que branco é o cara que grava?
 Por que é o branco quem me entrevista?
 Por que é o branco quem me contrata?
 Por que é o branco quem administra?*
 (Kyan)

1. Introdução

No ano de 2002 o grupo brasileiro de rap Racionais MC's lançou seu álbum chamado “Nada como um dia após o outro dia”. Os rappers paulistas, já famosos por letras com alto teor de denúncia sobre a desigualdade racial e as violências urbanas sofridas nos territórios periféricos, elementos que foram muito bem desenvolvidos em seus trabalhos *Holocausto Urbano* (1990), *Escolha seu caminho* (1992), *Raio X Brasil* (1993) e *Sobrevivendo no Inferno* (1997), voltam a evidenciar o experimentar da vida dentro desse recorte.

Nada como um dia após o outro dia é, sem sombra de dúvidas, um dos seus álbuns mais icônicos, sendo composto por músicas como “Negro drama” e “Jesus chorou”. Para além da arte, é necessário pensar o rap enquanto um discurso político capaz de trazer em primeira mão as consequências das violências urbanas, sua disposição territorial traz para as músicas um desenvolvimento muito característico do testemunho periférico. No entanto, artistas que buscam fazer uso desse discurso politicamente engajado tendem a sofrer um silenciamento velado pelos grandes veículos midiáticos, sendo mais presentes nos cenários alternativos.

Segundo Acauam Silvério de Oliveira, é na periferia que a percepção de que a violência estrutural não estava sendo limitada aos membros da sociedade categorizados enquanto criminosos é primeiramente percebida¹. Por meio desta percepção aprofundada é que, segundo o autor, o grupo Racionais MC's consegue se emplacar enquanto um dos elementos de maior revelação e conscientização no contexto da época. Podemos observar a seguinte passagem:

A compreensão profunda dessas tragédias — não como meros acidentes de percurso da civilização brasileira mas como fundamentos mesmo de um projeto nacional — estará no centro de diversas mudanças ocorridas no campo cultural, que progressivamente tornariam possível o surgimento daquele que seria um dos mais importantes fenômenos culturais da história do país, um disco no qual o massacre do Carandiru seria reconhecido como o acontecimento decisivo da nossa época (ocupando literalmente o centro do álbum), revelador da verdade

¹Segundo Acauam: “O que a periferia percebeu antes de todos é que esse modelo genocida de organização social, ancorado numa série de mecanismos herdados da escravidão e aperfeiçoados durante a ditadura, não se voltava apenas contra aqueles considerados ‘criminosos’, tendo se convertido em norma geral, com aprovação quase irrestrita da opinião pública” (DE OLIVEIRA, 2018, p. 20).

maior do Estado brasileiro, contra o qual era necessário reagir (DE OLIVEIRA, 2018, p. 20).

Em virtude da riqueza filosófica e poética de suas letras, pedimos licença para realizar um diálogo filosófico entre Racionais MC's e as reflexões de Fanon sobre violência e colônia, bem como o elemento do testemunho presente em Paulo Freire.

2. Da pele ao espaço urbano

*Os condenados da terra*², escrito por Frantz Fanon (1925-1961), traz consigo uma série de apontamentos sobre a violência desenvolvida pela lógica colonial. Seu primeiro capítulo, demonstra logo nas primeiras linhas não apenas a emergência do processo de descolonização, mas sua característica epistemológica instantânea, é necessário substituir uma “espécie” de humano por outra, a saber, o colonizador/colonizado pelo ser humano livre³. Tal processo, em virtude de suas reivindicações, é percebido desde o momento mais inicial (o requerimento por direitos básicos) e carrega consigo o terror para a “espécie” que se pretende aniquilar: os colonos. Vejamos o texto, sobre a percepção do processo de descolonização, Fanon diz o seguinte:

A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessencialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pela roda viva da história. Introduz no ser um ritmo próprio, transmitido por homens novos, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é, em verdade, criação de homens novos (FANON, 1968, p. 26).

Percebe-se, posteriormente, que a cisão entre colonos e colonizados não ocorre unicamente pela existência de dois personagens no fazer histórico, há ainda a distinção espacial entre o mundo dos colonos, que em certa medida é a imagem da metrópole e o mundo dos colonizados, que está estabelecido na colônia. O mundo dos colonos é branco, formado pelos estrangeiros que tomam para si o lugar e a vida de outrem, sua cidade representa o desenvolvimento, o progresso.

² *Les Damnés de la Terre*, publicado originalmente em 1961.

³ “Em qualquer nível que a estudemos - encontros interindividuais, denominações novas dos clubes esportivos, composição humana das cocktails-parties, da polícia, dos conselhos administrativos dos bancos nacionais ou privados - a descolonização é simplesmente a substituição de uma ‘espécie’ de homens por outra ‘espécie’ de homens. Sem transição, há substituição total. Completa, absoluta.” (FANON, 1968, p. 25)

Já a cidade do colonizado, se é que podemos chamar de tal maneira, mostra perfeitamente a cisão da humanidade. Seja entre negros ou indígenas, o espaço é conhecido pela péssima reputação, seus habitantes compartilham de tal fama. A “cidade” do colonizado é onde a vida deixou de ser importante graças ao legado colonial. Segundo Fanon (1968, p. 29): “Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de quê. É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre os outros, as casas umas sobre as outras”.

A existência, dividida em dois campos, dentro da lógica colonial não pretende em momento nenhum disfarçar as raízes de sua natureza. É evidente, de antemão, o papel da raça na formalização das relações econômicas e de poder.

Quando se observa em sua imediatidade o contexto colonial, verifica-se que o que retalha o mundo é antes de mais nada o fato de pertencer ou não a tal espécie, a tal raça. Nas colônias a infraestrutura econômica é igualmente uma superestrutura. A causa é consequência[sic]: o indivíduo é rico porque é branco, é branco porque é rico (FANON, 1968, p. 29).

De maneira semelhante, observamos alguns desses elementos levantados na música *Da ponte pra cá*. A composição do grupo faz menção sobre a dualidade presente entre os espaços pré e pós travessia da ponte. Tomando a ponte João Dias como ponto de partida, de um lado temos Santo Amaro, distrito localizado no centro-sul de São Paulo, detentor de uma série de empresas consolidadas. Do outro lado está localizado o Jardim São Luís, onde está localizado o Centro Empresarial de São Paulo, outro elemento muito importante para a alta economia do município. É necessário tomar a ponte para além do seu posicionamento geográfico imediato, uma vez que essa leitura ainda abarcaria a classe média-alta, ou alta classe média.

Racionais MC's evidenciam o preconceito sobre os bairros mais afastados e a própria estrutura que perpetua a configuração social e política dos ditos “favelados”, localizados no Capão Redondo, Parque Santo Amaro e adjacências. Com refrão imponente, o grupo sinaliza perfeitamente: “Não adianta querer, tem que ser, tem que pá/ O mundo é diferente da ponte pra cá”. Em virtude da maior adesão da comunidade de classe média que estava tentando consumir a estética periférica⁴, o ser periférico aparece então não como um desejo, mas uma instância que está determinada antes da existência da vontade. A sociedade capitalista

⁴ Tais elementos são retomados em *Negro Drama*, com maior desenvolvimento em versos como “Inacreditável, mas seu filho me imita/ No meio de vocês ele é o mais esperto” e “Nóis é isso ou aquilo, o quê? Cê não dizia?/ Seu filho quer ser preto, ah, que ironia”.

perpetua, de certa maneira, o legado da cisão entre metrópole e colônia através da lógica estabelecida entre cidade e periferia. A construção da miséria e a perpetuação disso através do sucateamento estrutural é narrada nas linhas do rap, como vemos a seguir:

Eu recebi seu ticket, quer dizer kit
De esgoto a céu aberto e parede madeirite
De vergonha eu não morri, to firmão, eis-me aqui
Você não, cê não passa quando o mar vermelho abrir
(RACIONAIS MC's, Negro Drama, 2002).

Se nos é permitido aproveitar o gancho de Fanon: se é periférico porque é negro (ou pelo menos pobre), mas não se deixa de ser negro ao sair do estado de periférico; como vemos em *Negro Drama* nos seguintes versos: “O dinheiro tira um homem da miséria/ Mas não pode arrancar de dentro dele a favela”. A origem e a melanina são instâncias que se retroalimentam, suas consequências perpassam a geografia, a economia, a política. O negro vive uma constante desvalorização em todos os âmbitos de sua vida, não estando a salvo nem mesmo no amor.

Tal elemento foi também sinalizado por Fanon em *Pele negra, máscaras brancas*⁵, o autor indica que mesmo quando reconhecidos pelo seu talento ou instruídos, o estigma da cor permanece estabelecido. Vejamos a seguinte passagem:

– Chegue mais, quero lhe apresentar a meu colega negro... Aimé Césaire, homem negro, professor da Universidade... Marian Anderson, a maior cantora negra... Dr. Cobb, o descobridor dos glóbulos brancos, é um negro... Ei, cumprimente aqui meu amigo martinicano (mas cuidado, ele é muito susceptível[sic])...
A vergonha. A vergonha e o desprezo de si. A náusea. Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal (FANON, 2008, p. 109).

Uma vez dentro dessa lógica, a impossibilidade de libertação está definida até que todo o sistema seja destruído. Não existe, dessa maneira, uma possibilidade de libertação individual. “Vencer na vida”, como poderia ser dito, não possui força suficiente para superar as amarras do estigma dessa eterna negritude condenada pelo mundo branco. Racionais MC's conseguiram perceber e apontar isso, poeticamente e politicamente. Assim segue em sua música:

Aí, você sai do gueto
Mas o gueto nunca sai de você, morô irmão?
Cê tá dirigindo um carro
O mundo todo tá de olho ‘ni você, morô?

⁵ “Peau noire, masques blancs”, publicado originalmente em 1952.

Sabe por quê? Pela sua origem, morô irmão?
É desse jeito que você vive, é o negro drama
(RACIONAIS MC's, Negro Drama, 2002).

Eis o eterno negro drama, o drama negro arquitetado pelo mundo colonial e sacramentado pelo capitalismo e a teoria de superioridade racial.

3. O testemunho para uma nova humanidade

Ao dialogar com Fanon e Racionais MC's, podemos perceber que o diagnóstico estabelecido entre a teoria filosófica e o engajamento político popular é semelhante em diversos aspectos, tal encaminhamento pode ser, pelo menos nesse momento, suficiente para dar prosseguimento na leitura de que o sofrimento negro é, de certa maneira, compartilhado no mundo colonizado e percebido em diferentes instâncias do fazer cultural.

Essa percepção compartilhada é muito importante para refletir sobre os diferentes campos no processo de aprendizado/formação do sujeito dentro da sociedade. Paulo Freire, ao longo de sua obra, demonstrou grande interesse nas questões relacionadas com a educação popular e a palavra popular. Não apenas reconhecendo o valor das práticas educativas não convencionais, mas incluindo-as em seu sistema de alfabetização. Sua preocupação é estabelecida como um enfrentamento para o testemunho vigente da humanidade no sistema de opressão, uma vez que em diversos momentos os oprimidos podem não estar direcionados para a libertação coletiva. No entanto, “O seu ideal é, realmente, ser homens, mas, para eles, ser homens, na contradição em que sempre estiveram e cuja superação não está clara, é ser opressores. Estes são o seu testemunho da humanidade” (FREIRE, 2022, p. 44).

A pedagogia da libertação é uma proposta de enfrentamento contra a educação bancária e tentativa de construir um novo testemunho. Segundo Freire (2022, p. 55), “[...] a questão não está propriamente em explicar às massas, mas em dialogar com elas sobre sua ação”. Percebe-se que o desenvolvimento dessa proposta de educação traz consigo também uma proposta para uma nova figura de educador/líder político, esses agora devem não mais assumir o papel de depositar conteúdos ou dirigir as massas populares ou seus respectivos educandos, mas fazer de maneira colaborativa a modificação do corpo histórico. Vale frisar alguns elementos essenciais para o desenvolvimento da pedagogia do oprimido, sendo seu fazer uma retomada para a intersubjetividade e o diálogo popular, não é possível que os

opressores sejam protagonistas desse processo, em virtude da evidente contradição que tal processo tomaria. O protagonismo popular é fundamental para que as devidas medidas sejam tomadas sem que haja uma retomada do processo de desumanização. Retomemos ao texto para examinar a seguinte passagem:

Pelo contrário, a pedagogia que, partindo dos interesses egoístas dos opressores, egoísmo camuflado de falsa generosidade, faz dos oprimidos objetos de seu humanitarismo, mantém e encarna a própria opressão. É instrumento de desumanização.

Esta é a razão pela qual, como já afirmamos, esta pedagogia não pode ser elaborada nem praticada pelos opressores.

Seria uma contradição se os opressores não só defendessem, mas praticassem uma educação libertadora.

Se, porém, a prática desta educação implica o poder político e se os oprimidos não o têm, como então realizar a pedagogia do oprimido antes da revolução? (FREIRE, 2022, p. 56).

A falta da revolução é um elemento aparentemente problemático para o desenvolvimento da libertação humana. Verifica-se que sem a revolução não há tomada ampla dos aparelhos formais de educação, no entanto, como é adiantado por Freire, isso não constitui a impossibilidade do desenvolvimento dos *trabalhos educativos*⁶. Em contrapartida, há constantemente a tentativa de frear tais iniciativas, dentro ou fora do âmbito formal de educação. Podemos citar o exemplo fornecido por bell hooks em seu texto *Teaching to Transgress*, onde a autora demonstra a diferença do processo educativo para alunos negros pré e pós integração racial:

A escola mudou completamente com a integração racial. Perdeu-se o zelo messiânico de transformar nossas mentes e seres que caracterizava os professores e suas práticas pedagógicas em nossas escolas para negros. De repente, o conhecimento tornou-se apenas informação. Não tinha relação com a forma como se vivia, se comportava. Não estava mais ligado à luta antirracista. Transportados para escolas brancas, logo aprendemos que a obediência, e não uma vontade zelosa de aprender, era o que se esperava de nós. Muita vontade de aprender pode facilmente ser vista como uma ameaça à autoridade branca (hooks, 1994, p. 3, tradução nossa)⁷.

O próprio processo de integração racial, que em certa medida deveria visar a redução dos danos da prática separatista, serviu como elemento para um processo de frenagem dos

⁶ Os trabalhos educativos são atividades que devem ser realizadas durante o processo de organização dos e com os oprimidos. Seja visto nesse momento a importância de práticas educacionais como *Círculo de cultura*.

⁷ Texto original: "School changed utterly with racial integration. Gone was the messianic zeal to transform our minds and beings that had characterized teachers and their pedagogical practices in our all-black schools. Knowledge was suddenly about information only. It had no relation to how one lived, behaved. It was no longer connected to antiracist struggle. Bussed to white schools, we soon learned that obedience, and not a zealous will to learn, was what was expected of us. Too much eagerness to learn could easily be seen as a threat to white authority".

anseios antirracistas dentro do imaginário dos estudantes negros, uma vez que o anseio por um conhecimento mais prático, alinhado com a realidade vivida, poderia tornar-se uma ameaça para o status quo do sistema de opressão racista. Ao retomar Freire, podemos encontrar um elemento importante para ler as práticas educacionais pré-revolução, tomaremos a liberdade de fazer mais um momento de exposição de seu texto:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 2022, p. 57).

Não é ousado indicar que os elementos abordados na seção anterior são um indicativo desse primeiro momento da pedagogia do oprimido.

Considerações finais

Como encaminhamentos desta pesquisa temos alguns elementos relevantes: o rap dá conta de fazer diagnósticos da realidade que são muito semelhantes com os apontamentos levantados por autores decoloniais (em nosso caso, com apontamentos de Frantz Fanon), a palavra periférica é um dos primeiros espaços onde as consequências da violência racial (bem como as demais violências estruturais) pode ser observada.

Ao enfrentarmos a situação concreta, a inexistência da ampla revolução que modificaria os aparatos da educação formal, devemos nos posicionar radicalmente ao lado dos elementos que são expressos pela cultura popular para realizar o diálogo horizontal entre a filosofia e a prática cotidiana; não para que os conteúdos populares sejam validados por nossas categorias de erudição, mas para melhor desvelar as estruturas vigentes, percebendo quais contradições e quais aspectos são mais relevantes no momento.

O valor poético e filosófico das letras de rap podem muitas vezes ser ignoradas no processo de teorização filosófica. No entanto, me permitindo a ousadia de esticar o passo um pouco mais, as análises de conjuntura levantadas em *Dá ponte pra cá* e *Negro Drama*, são tão precisas e pertinentes, se não mais, do que uma série de análises feitas na literatura canônica nacional.

A existência de Racionais MC's é o tempo todo uma afronta para o status quo, um espaço consolidado para o novo testemunho da humanidade. Seja em virtude de suas letras

densas, seja pelo incentivo de comportamentos menos nocivos para a comunidade racializada; os rappers trouxeram consigo um elemento de esperança e enfrentamento horizontal que está muito bem disposto como primeiro passo para a consolidação de uma revolução epistemológica e estrutural.

Para prosseguimento da pesquisa, apontamos as possibilidades de desenvolvimento da relação de conexão sentimental/sintonização levantadas por Antonio Gramsci no Caderno 11 (*Cadernos do cárcere*) e apropriadas por Freire em seus elementos de dialogicidade. Interessa também analisar de maneira mais aprofundada as particularidades do papel da arte e do artista na mobilização das massas e comunicação entre as classes, para tal indicamos Jacques Rancière e *A noite dos proletários*.

Referências Bibliográficas

DE OLIVEIRA, Acauam. *O evangelho marginal dos Racionais MC's*. IN: RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo no Inferno**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa: Editora Ulisseia, 1965.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 83ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

HOOKS, bell. **Teaching to transgress: education as the practice of freedom**. Londres: Routledge, 1994.

RACIONAIS MC's. *Da ponte pra cá*. IN: RACIONAIS MC's. **Nada como um dia após o outro**. São Paulo: Cosa Nostra. 2002. CD.

RACIONAIS MC's. *Negro Drama*. IN: RACIONAIS MC's. **Nada como um dia após o outro**. São Paulo: Cosa Nostra. 2002. CD.

Data da submissão: 30 Abr 2025.

Data do aceite: 01 Ago 2025.



Esta obra está licenciada sob licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/legalcode.pt>).

Rev. Helius	Sobral	v. 6	n. 1	p. 191-199	Dossiê
-------------	--------	------	------	------------	--------